

COMPORTAMENTO SEXUAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE REVISÃO

SEXUAL BEHAVIOR OF UNIVERSITY STUDENTS: A REVIEW STUDY

Fernando Marcos Rosa Maia Guerra^{1*}, Rhayanne Goulart Otaviano¹, Rosangela Nunes Ramos¹, Maria Vitória Damião¹, Elaine de Oliveira Zanini²

¹ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário FAG – Cascavel-PR. ² Mestre em Desenvolvimento regional e agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do PR – UNIOESTE

*Autor correspondente. E-mail: fernandomarcosguerra@outlook.com.br

DOI: 10.35984/fjh.v2i2.175

RESUMO

Na revisão de literatura bibliográfica qualitativa há estudos prévios sobre o comportamento sexual de estudantes universitários no Brasil, que frequentemente é associado a condutas de risco à saúde, como prática de sexo sem preservativos, múltiplos parceiros, uso de drogas (lícitas ou ilícitas) e ainda os riscos de gravidez indesejada. Dentre as categorias pesquisadas encontra-se a idade para coitarca (primeira relação sexual) entre 17-19 anos, o que se justifica pelo fato de ser a universidade um período ímpar na vida desses jovens. Desta forma, o universitário apresenta perfil sexual vulnerável colocando-se em posição de risco à saúde e faz-se necessário promover estratégias, que visem desenvolver uma autoconsciência/corresponsabilidade nos estudantes universitários, justificando a adoção de medidas para alterar esta realidade.

Palavras-chave: Jovens, Sexualidade, Vulnerabilidade.

ABSTRACT

In the literature review there are previous studies on the sexual behavior of university students in Brazil, which is often associated with health risk behaviors, such as condoms without sex, multiple partners, drug use (licit or illicit) and also risks of unwanted pregnancy. Among the researched categories is the age for coitarca (first sexual intercourse) between 17-19 years, which is justified by the fact that the university is a unique period in the lives of these young people. Thus, the university student presents a vulnerable sexual profile, putting himself in a position of risk to health and it is necessary to promote strategies aimed at developing self-awareness / co-responsibility in university students, justifying the adoption of measures to change this reality.

Keywords: Youth, Sexuality, Vulnerability.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), as Infecção Sexualmente Transmissível (IST) têm como causa múltiplos agentes etiológicos parasitários como bactérias, vírus, protozoários e são transmitidos majoritariamente por contato sexual vaginal, anal e oral. Diante de tantos patógenos, oito deles são os mais recorrentes para a saúde pública sendo quatro incuráveis, mas tratáveis como o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Hepatite B, Herpes e Papiloma Vírus Humano (HPV). Já os quatro patógenos considerados mais recorrentes e curáveis são causadores das doenças como Sífilis, Clamídia, Tricomoníase e Gonorreia.

Estima-se que quatro milhões de jovens sejam sexualmente ativos a cada ano que se passa, sendo esse um fator de vulnerabilidade às IST. Como comprovação

desse fato, há em média 12 milhões de casos registrados anualmente em jovens com idade inferior a 25 anos (SOUSA; SOUSA; LOPES; RODRIGUES, 2011).

Diante dos riscos de contaminação com IST, o artigo aborda uma pesquisa de revisão sobre o comportamento sexual de estudantes universitários no Brasil, uma vez que, a referida população vive uma transição comportamental devido às novas experiências sociais e culturais típicos dessa fase. A investigação foi motivada pela problemática da correlação entre o comportamento sexual de universitários e o risco à saúde, que frequentemente é associado à prática de sexo sem preservativos, múltiplos parceiros, uso de drogas (lícitas ou ilícitas) e ainda, os riscos de gravidez indesejada.

Na atualidade há várias discussões sobre qualquer pessoa ter chances de se contrair uma IST devido a múltiplos fatores socioeconômicos e culturais, mas faz-se necessário considerar as inúmeras vulnerabilidades em especial dos adolescentes e jovens já que há comportamentos peculiares a essa faixa etária. Além disso, devido a maior parte dos estudantes terem uma auto percepção errônea de que são de baixo risco de contaminação às IST/HIV, é preciso estimulá-los a obtenção de um juízo crítico e responsabilização de seus atos (SILVA, et al. 2016).

Frente às mudanças comportamentais que o meio acadêmico proporciona, é relevante analisar como os universitários conduzem a sua vida sexual e o conhecimento sobre as IST, sendo este um fator importante para o desenvolvimento de trabalhos preventivos entre os jovens. É necessário convencer a população acadêmica de que qualquer pessoa está sujeita à contaminação por IST (SALES et al. 2016). Conforme Braga et al. (2009), o conhecimento do comportamento sexual dos universitários é importante para orientar o planejamento de ações na área de saúde e educação voltadas para a vida sexual desses jovens.

2. METODOLOGIA

Na construção deste artigo foi realizado um estudo de revisão bibliográfica qualitativa na base de dados da biblioteca virtual de saúde (BIREME), sobre o tema central “comportamento sexual em universitários brasileiros”, no período de setembro a outubro de 2019. Os critérios de exclusão foram: estudo estar disponível na íntegra, ser elaborado no Brasil e ter menos de 10 anos de publicação. Após aplicação destes critérios realizou-se a análise de títulos, leitura de resumos e posteriormente seleção dos artigos mais relevantes para completa análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O comportamento sexual em universitários no Brasil, frequentemente é associado a condutas de risco à saúde, como prática de sexo sem preservativos, múltiplos parceiros, uso de drogas (lícitas ou ilícitas) e ainda os riscos de gravidez indesejada. Assim, pode ser observado nos estudos a seguir.

Para compreender o processo de adesão do uso de preservativos de uma população é necessário, de início, conhecer seus hábitos comportamentais, pois segundo as estatísticas globais, os diagnósticos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) tanto mundialmente quanto no Brasil apresentam em média quase 10% da população entre jovens de 20 a 24 anos (ARAGÃO, LOPES e BASTOS, 2011; BORGES et al. 2015; ALVES et al, 2017).

Esses mesmos autores citados acima fizeram um estudo com 724 estudantes universitários, dentre as categorias pesquisadas encontra-se a idade para coitarca

(primeira relação sexual) entre 17-19 anos. Eles justificam tais resultados devido ao fato de ser a universidade um período ímpar na vida desses jovens, uma vez que, esta representa diversas mudanças no estilo de vida, como, morar sozinho, ou com amigos, conviver com pessoas com hábitos culturais diversos e vivenciar novas responsabilidades. BORGES et al. (2015) complementam essa abordagem ao apontarem na pesquisa deles universitários que se encontram nos períodos iniciais da graduação necessitam de maior compreensão de seus comportamentos, pois diante das novidades há maior disponibilidade de participarem de festas entre amigos e boates. Sendo assim, é provável que a manifestação sexual nesse período seja grande já que quase 60% dos pesquisados disseram que iniciaram a sexualidade ao morar com amigos.

Neste mesmo contexto, Velho et al. (2010) reforçam esta questão em sua pesquisa ao apontar que jovens provenientes de cidades do interior, com uma bagagem social mais tradicional tendem a demorar mais para iniciar sua vida sexual e aderir a outras práticas. Tais situações influenciam o jovem a experimentar novas situações e entre estas a coitarca, já que a transição entre a adolescência e a vida adulta é marcada por um contexto sexual de erotização expressivo atualmente. Esses últimos autores apontaram ainda uma mudança na coitarca das mulheres: elas apresentaram início da atividade sexual, praticamente, com a mesma idade dos homens. Isso mostra um fato incomum em anos anteriores da região estudada. Assim, mesmo no passado os números serem possivelmente subestimados, há uma prova do afloramento de dados desconhecidos, o que possibilita uma educação em saúde mais aberta e real a essas mulheres atualmente.

Também foi abordado em algumas pesquisas referenciadas o uso de drogas entre essa população, este é o caso apontado por Lima et al. (2017) que além de verificar o uso dessas substâncias nesta população, ainda correlaciona o maior uso de drogas por estudantes pertencentes as famílias de classes A ou B, o autor menciona que talvez este fato ocorra pela maior acessibilidade de recursos para efetuar a referida prática.

Fonte et al. (2018) realizaram uma pesquisa a respeito do conhecimento de universitários sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), entrevistaram 768 estudantes de uma universidade privada do Rio de Janeiro, na faixa etária de 18 a 29 anos, e observaram que esses apresentam conhecimento abaixo da média em relação às ISTs, os autores acreditam que tal fato contribuiu para a baixa percepção de risco, onde os jovens acreditam que é impossível ou pouco possível a chance de serem infectados, refletindo num baixo uso de métodos preventivos, corroborando com outros estudos aqui citados.

Aragão, Lopes e Bastos (2011) verificaram a questão do uso de métodos preventivos e observaram que apenas 44% dos entrevistados relataram utilizar preservativo conscientemente. Tal resultado corrobora com os estudos de Borges et al. (2015), onde 73 % dos entrevistados disseram não utilizar nenhum meio contraceptivo na primeira relação sexual. Lima et al. (2017) e Fonte et al. (2009) encontraram resultados semelhantes, concluindo que mais da metade de seus entrevistados não usa preservativos de maneira regular durante suas relações sexuais.

Os índices encontrados por esses autores são preocupantes, pois além do risco de DSTs, os estudantes estão expostos ao risco de uma gestação indesejada. Silva et al. (2017) alerta para o alto índice de gravidez não planejada nesta população, afirma que a falta de conhecimento para contraceptivos de emergência ainda é grande, e que se levarmos em consideração o sexo masculino, esses números

pioram. Esses autores apontam que as pesquisas nacionais apresentaram falha no conhecimento desse método por universitários já que até conhecem a pílula do dia seguinte, mas de forma superficial, pois muitos não sabem como usar corretamente, além de que esse método é um assunto polêmico. Por isso, é necessário a criação de programas, voltados especificamente a este estrato da comunidade, com foco na melhora do conhecimento sobre métodos contraceptivos, a fim de evitar futuras gestações indesejadas.

Gil (1998), afirma que as jovens têm mais dificuldade e menos chance de propor o uso da camisinha, sobretudo quando o parceiro é estável, uma situação que a torna potencialmente exposta ao risco de contrair ISTs. Nos últimos anos, muitos esforços têm sido realizados para controlar a expansão das infecções sexualmente transmissíveis para deter o aumento do número de mortes causadas pela AIDS e evitar o significativo número de gravidez não planejada na população jovem.

Alves et al. (2017) aponta em sua pesquisa que o maior motivo para o não uso de preservativos se tratou da confiança no parceiro, pois o uso deste é substituído pela pílula contraceptiva. Isto ocorre principalmente em situações de relacionamentos com parceiros fixos. Com isso, nesta pesquisa não se pode atribuir o não uso do preservativo com os níveis de escolaridade e de conhecimento dos participantes.

Segundo Gir (1994) a multiplicidade de parceiros também tem sido preocupação quanto ao risco de IST em jovens, as chances de contrair doenças sexualmente transmissíveis, são diretamente proporcionais ao número de contatos sexuais mantidos.

Segundo Braga et al. (2009), no tocante à faixa etária, quanto maior a idade, menos uso constante do preservativo. Esses dados podem estar associados a relacionamentos mais estáveis e à confiança no parceiro. O motivo mais alegado pelos jovens universitários para o não uso constante do preservativo em ambos os sexos foi a diminuição do prazer. O segundo motivo, em ambos os sexos, foi que o preservativo “quebra o clima da transa”, também relacionado com o argumento de que o sexo com o uso desse método perderia a naturalidade, interferindo na espontaneidade do ato. Em terceiro lugar, com o mesmo percentual, foram aludidas duas justificativas: “porque acha que não precisa” e “porque o(a) parceiro(a) não gosta”. O motivo para o não uso ou uso inconstante do preservativo não foi indicado pela maioria dos universitários. Os motivos mais relatados para o não uso ou uso inconstante do preservativo foram: diminuição do prazer, quebra do clima da “transa”, recusa do parceiro e por achar que não precisa.

Ainda em relação ao uso de preservativos temos os estudos de Fonte et al. (2018) onde os autores revelam que é um método pouco utilizado entre os estudantes, com um conflito entre o nível de conhecimento e a autopercepção para o risco de contrair uma IST, onde os universitários que acreditam ter todo o conhecimento acerca das IST são justamente os que tendem a negociar o uso do preservativo com o parceiro.

Resultados semelhantes foram encontrados sobre a baixa percepção de risco entre estudantes universitário, estudo realizado no Rio de Janeiro identificou que 58,5% dos estudantes universitários da área da saúde não conhecem todas as formas de transmissão das IST, apesar de 48,5% terem afirmado que possuíam todo o conhecimento acerca das IST, sendo que 81% tinham dúvidas sobre a sintomatologia das ISTs (DANTAS et al, 2015).

De acordo com Moser, Reggiani, Urbanetz (2007), teoricamente, por possuírem um nível de informação melhor, deveriam ter conduta de menor risco que adolescentes e jovens com menor educação. Ademais, é possível que existam diferenças no exercício da

sexualidade entre estudantes universitárias que moram na capital, quando comparadas com aquelas que moram em cidades do interior.

Contribuindo com o pensamento de que apenas a informação não exclui os universitários de ser uma população com comportamentos de risco, algumas pesquisas foram além, e estratificaram as áreas de estudo (biológicas, exatas, humanas, saúde...) e percebeu-se que os universitários da área da saúde, não apresentaram comportamentos de saúde diferentes dos estudantes de outras áreas (LIMA et al, 2017).

Segundo Moser, Reggiani, Urbanetz (2007), era possível esperar que, entre estudantes de nível universitário que frequentavam cursos de ciências da saúde, houvesse um nível de conscientização sobre os riscos inerentes às relações sexuais e que a maior parte dos sexualmente ativos praticassem sexo seguro. Foi, portanto, decepcionante verificar que essa não é a realidade e muitos estudantes praticam sexo sem proteger-se adequadamente da possível contaminação por ISTs.

Outro aspecto abordado nos estudos refere-se sobre a sexualidade dos entrevistados. Velho et al. (2017) revelou dificuldade em trabalhar com esta temática, pois em seus resultados encontraram um índice de homossexualidade muito abaixo do considerado normal na população em geral. Os autores acreditam que a veracidade em relação a esta temática apresenta-se corrompida, uma vez que, vive-se em uma sociedade cercada de princípios machistas, dificultando a aceitação, interferindo na vivência plena da sexualidade mesmo em uma parcela tão jovem da população. É preciso salientar que sexualidade não se refere apenas a prática sexual, o preconceito influi isto na comunidade, a pré definição dos papéis masculino e feminino precisa ser reestruturado para desmistificar os gêneros sociais.

Ainda de acordo com Moser, Reggiani, Urbanetz (2007), tratando-se de futuros profissionais da saúde, deve ser considerado que os jovens destes cursos, além de viverem de modo inadequado sua sexualidade, serão multiplicadores de ações educativas, necessitando serem, preferencialmente, sadios, bem informados e livres de preconceitos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os estudantes universitários apresentam comportamento sexual de risco, pois não fazem uso regular de preservativo, praticando o sexo de maneira totalmente desprotegida, principalmente se tratando de parceiros fixos, substituindo-o pela pílula anticoncepcional. Uma prática que contribui para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis. Existe também uma falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos, acarretando no uso inadequado e no não uso desses. Aumentando de forma significativa o risco de uma gravidez indesejada. Tais fatos mostram-se preocupantes e os autores pesquisados são unânimes ao afirmar que o fato dos estudantes possuírem informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, riscos de gravidez e de métodos para prevenir tais situações, não implica em fazer uso, de maneira correta, desses. Assim podemos afirmar que o estudante universitário apresenta perfil sexual vulnerável, pois mesmo sendo detentores de informações, apresentam conclusões equivocadas e capacidade de julgamento de riscos alterada, colocando-se em posição de risco à saúde. Assim, seria interessante promover estratégias, como palestras, seminários que visem desenvolver uma autoconsciência/ corresponsabilidade nos estudantes universitários, com o intuito de demonstrar a essa população que fazem parte sim de um grupo de risco, justificando a adoção de medidas para alterar esta realidade.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, B. et al. Perfil Sexual dos Estudantes Universitários. *In: Revista brasileira em promoção da saúde*, v. 30, n. 4, p. 01- 08. 2017.

ARAGÃO, J. S.; LOPES, C. S.; BASTOS, F. I. Comportamento Sexual de Estudantes de um Curso de Medicina do Rio de Janeiro. *In: Revista brasileira de educação médica*, v. 35, n. 3, p. 334-340. 2011.

BORGES, M. S. et al. Comportamento Sexual de Ingressantes Universitários. *In: Revista de pesquisa cuidado é fundamental online*, v. 7, n. 2, p. 2505-2511. 2015.

BRAGA, S. M. M. B. et al. Aspectos do Comportamento Sexual em Universitários. *In: Rev Med Minas Gerais*, 2009; 19(3): 206-213.

DANTAS, K. T. B.; SPINDOLA, T.; TEIXEIRA, S. V.B.; LEMOS, A. C. M.; FERREIRA, L. E. M. Young academics and the knowledge about sexually transmitted diseases - contribution to care in nursing. *In: Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamento Online*, v. 7, n. 3, p. 3020-3036. 2015.

FONTE, V. C.; FRANCA, C.; GONZALEZ, E. Conduas de saúde entre universitários: diferenças entre gêneros. *In: Cad. Saúde Pública*. V. 25, n. 3, p. 521-527. 2009.

FONTE, V. R. F.; SPINDOLA, T.; LEMOS, A.; FRANCICO, M. T. R.; OLIVEIRA, C. S. R. Conhecimento e percepção de risco em relação às infecções sexualmente transmissíveis entre jovens universitários. *In: Cogitare Enfermagem*, v. 23, n. 3, p. 1-10. 2018.

GIL AC.; AIDS: Percepção de Risco Pessoal e Conduta Sexual Preventiva de Estudantes Universitários da Grande São Paulo [tese]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 1998.

GIR E.; Práticas Sexuais e a Infecção pelo HIV: Um Estudo Sobre Crenças entre Universitários de Ribeirão Preto- SP [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto; 1994.

LIMA, C. A. G. et al. Prevalência e Fatores Associados a Comportamentos de Risco à Saúde em Universitários no Norte de Minas Gerais. *In: Caderno saúde coletiva*, v. 25, n. 2, p. 183-191. 2017.

MOSER, A. M.; REGGIANI, C.; URBANETZ, A.; Comportamento Sexual de Risco entre Estudantes Universitárias dos Cursos de Ciências da Saúde. *In: Rev Assoc Med Bras*, v. 53, n. 2, p. 116-21. 2007.

SALES, W. B. et al. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *In: Revista de enfermagem referência*, v.4, n.10, p. 19-27. 2016.

SILVA, L.H.F. et al. Risco à infecção pelo HIV/AIDS entre estudantes de ensino superior. *In: Revista de enfermagem UFPE online*, v.10, n.5, p. 1781-1788. 2016.

SILVA, F. C. et al. Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde. *In: Caderno de saúde pública*, v. 26, n. 9, p. 1821-1831, 2017.

SOUSA, M. C., SOUSA, B. R., LOPES, I. M., RODRIGUES, T. M. Conhecimentos e atitudes de estudantes de enfermagem frente à prevenção da AIDS. *In: Revista Interdisciplinar UNINOVAFAPI*. V.5, n.3, p.15-20. 2011

VELHO, M. T. A. C.; et al. Estudo sobre a sexualidade entre universitários moradores de casas do estudante do Sul do Brasil. *In: Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 54, n. 4, p. 399-405. Out-dez, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Sexually transmitted infections (STIs): the importance of a renewed commitment to STI prevention and control in achieving global sexual and reproductive health**. 2013.